



## **Caminhar, semear e cartografar: Confluências nas Terras**

SESSÃO TEMÁTICA: ET2 DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO  
PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM

Evelyn Caroline da Silva Camara  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
E-mail: evelyn.camara@unesp.br

Juliana Artuso  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
E-mail: juliana.artuso2025@gmail.com

Carolina Silva Tarocchi  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
E-mail: carolina.tarocchi@gmail.com

Carlos Hidalgo  
Universidade de São Paulo  
E-mail: cfhidalgoz@gmail.com

### **RESUMO**

Semear é um gesto de criação: lançar ao mundo ideias, esperanças e possibilidades de mudança. É espalhar vida em outras formas de existir, sonhar e habitar o mundo. O ato de semear e cultivar revela uma relação de luta, resistência e ressignificação do direito ao chão, para além da posse da terra, conectando-se à cidade vivida e experimentada. Este trabalho propõe-se como uma pesquisa-intervenção realizada em três cidades do estado de São Paulo - Presidente Prudente, Bauru e São Paulo - por meio da experiência da caminhada e do ato de semear. O objetivo é refletir sobre como esses gestos ancestrais, caminhar e semear, podem funcionar como mecanismos de enfrentamento à lógica hegemônica de uma cidade que nega as confluências entre o humano e o não humano, e recusa a terra como riqueza insubstituível e inseparável da vida. Como metodologia, o trabalho se debruça sobre o caminhar como ferramenta de leitura urbana crítica, criativa e estética, aliando essa prática à cartografia sensível da experiência vivida, com o uso do dispositivo do Verticalix. Trata-se de uma experimentação que transita entre o nomadismo do percurso e o gesto de pausa e prospecção ao cultivar sementes na cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** semear; caminhar; cartografia; cidade; paisagem.

### **ABSTRACT**

Sowing is a gesture of creation: launching ideas, hopes, and possibilities for change into the world. It is spreading life in other ways of existing, dreaming, and inhabiting the world. The act of sowing and cultivating reveals a relationship of struggle, resistance, and re-signification of the right to the land, beyond the possession of the land, connecting to the lived and experienced city. This work proposes itself as a research-intervention carried out in three cities in the state of São Paulo - Presidente Prudente, Bauru, and São Paulo - through the experience of walking and the act of sowing. The objective is to reflect on how these ancestral gestures, walking and sowing, can function as mechanisms for confronting the hegemonic logic of a city that denies the confluences between the human and the non-human and rejects the land as an



irreplaceable and inseparable wealth of life. As a methodology the work focuses on walking as a tool for critical, creative, and aesthetic urban reading, combining this practice with the sensitive cartography of lived experience, using the Verticalix device. This is an experiment that oscillates between the nomadic nature of the journey and the gesture of pausing and exploring while cultivating seeds in the city.

**KEYWORDS:** sowing; walking; cartography; city; landscape.

## 1 INTRODUÇÃO: O ATO DE SEMEAR RUMO A SAÚDE PLANETÁRIA

Cada vez mais afastados de uma essência indissociável da produção de vida e saúde, adentramos um mundo marcado por devastações e perturbações antrópicas que atingem, de forma mortal, os ecossistemas naturais. Como aponta Krenak (2020), a humanidade se descola progressivamente do organismo que é a Terra, rompendo vínculos que sustentam a existência. Paralelamente, enfrentamos uma sociedade adoecida física e mentalmente, moldada por uma lógica produtivista, pela aceleração compulsória e pelo individualismo, propagados como pilares do capitalismo neoliberal (Han, 2015). Tornamo-nos sujeitos desconectados da própria vida, esquecendo que somos parte de um mundo interdependente entre espécies (Gotsch, 2015; Tsing, 2015), mas que seguimos conduzindo, de maneira cada vez mais evidente, à destruição, enquanto também nos destruimos nesse mesmo processo.

Nesse contexto, o pensamento planetário surge como uma crítica ao modo perverso e antropocêntrico de existência que assumimos na contemporaneidade (Horton; Lo, 2015). Embora pareça se tratar de uma nova forma de enxergar o mundo, na verdade, consiste no entendimento de uma perspectiva ancestral que, em essência, reafirma as práticas de coabitação e cuidado com o planeta, laços que persistem e resistem em diferentes culturas e modos de vida. Essa perspectiva conecta-se diretamente ao conceito de saúde planetária, que compreende que a saúde da civilização humana está intrinsecamente ligada ao estado dos sistemas naturais dos quais ela depende. Em outras palavras, cuidar do planeta é também cuidar da saúde coletiva e da possibilidade de continuidade da vida em todas as suas formas.

Desse modo, pensar em uma saúde planetária implica criar e sustentar relações multiespécies. Como afirmam Kirksey et al. (2020, p. 275): “etnógrafo(a)s multiespécies estudam zonas de contato nas quais as linhas que separavam natureza e cultura foram demolidas, e onde os encontros entre *Homo sapiens* e outros seres geram ecologias mútuas e nichos coproduzidos”. Essa perspectiva não se limita às relações com o reino animal, mas inclui também as plantas e outros seres vivos, propondo modos de coabitar o mundo em reconhecimento da interdependência entre todas as formas de vida. Portanto, como pontua Acosta (2016), precisamos de um mundo reencantado com a vida, semeando novos caminhos de diálogo entre os seres humanos, enquanto indivíduos e enquanto comunidades heterogêneas, sendo urgente a superação do pensamento binário: seres humanos versus Natureza, afinal, nós não só fazemos parte da Natureza, e, sim, *somos* Natureza.

Assim, amplia-se a compreensão de saúde planetária englobando as relações interdependentes entre todos os ecossistemas e seres vivos. Nesse contexto, o ato de semear e cultivar torna-se um gesto ancestral de conexão com a terra, um acompanhamento atento e sensível da vida que germina, cresce e coexiste conosco



no planeta. Desafiando a lógica do consumo imediato, semear na cidade é um gesto que propõe uma temporalidade diferente, baseada no cuidado, na espera e na interdependência. O ato de semear na cidade, sob a perspectiva da saúde planetária, é um gesto político, ambiental e social que aponta para uma nova ética do habitar urbano. Ao integrar práticas agroecológicas às dinâmicas da cidade, promove-se um modelo de urbanização mais sensível às correlações ecológicas e às necessidades humanas. Em tempos de colapso ambiental e sanitário, essas ações locais ganham força global, evidenciando que cuidar da Terra e cuidar das pessoas são partes inseparáveis de um mesmo compromisso civilizatório.

Junto ao ato de semear, o caminhar é também um gesto ancestral de habitar o mundo. Quando praticados em conjunto, essas ações compõem uma simbiose de reconhecimento e de criação de vínculos com os territórios coabitados, revelando outras formas de existir e de se relacionar com a terra e com os seres que nela vivem. O andarilho traça linhas no mundo com seus gestos, tecendo relações com a terra, com a vegetação, com a água do rio que flui. Esses riscos deixados na superfície tornam-se linhas entrelaçadas, que são também as linhas da própria vida (Ingold, 2022 [2007]). O percurso, por si só, é um espaço-tempo onde a vida acontece: nele se colhem histórias, alimentos, rastros e sinais, guardados na memória e compartilhados em narrativas - em cantos, danças e ritos.

Atualmente, o caminhar pode parecer um ato meramente funcional, um deslocamento contínuo em direção a um objetivo, seguindo uma rota pré-determinada. Mas o caminhar do qual falamos é outro: está mais próximo da errância e do devir, de uma exploração sensível do território, em um ritmo ditado pelos próprios passos, ora lentos e prospectivos, ora mais rápidos e exploratórios. Ao caminhar, podemos parar, tocar o chão, apreender o território que encontramos. Semear uma semente nesse gesto é assumir um compromisso com o lugar, com a possibilidade de uma vida que poderá brotar e, ao fazê-lo, se tornar parte daquele território. É um pacto de coexistência, no qual o percurso não se encerra no movimento, mas se prolonga no cultivo e na espera do que virá.

## **2 O CAMINHAR E O DISPOSITIVO COMO SUPORTES METODOLÓGICOS**

O ato de caminhar revela-se como potencializador das práticas cotidianas. Ao utilizá-lo como ferramenta para apreender os espaços urbanos, foram reconhecidas atividades sociais que transformam a paisagem através da interação entre indivíduos e meio ambiente:

Sua sociabilidade não paira por sobre a própria prática, em algum etéreo domínio das ideias e discursos, sendo antes imanente à maneira como os movimentos de uma pessoa - os seus passos, andar, direção e ritmo - são continuamente sensíveis aos movimentos dos outros no ambiente imediato (Ingold, 2015, p.84).

A prática do semear alinha-se com o comportamento lúdico-construtivo e com o reconhecimento da paisagem através da ação de caminhar sem um rumo pré-estabelecido. A criação de situações e de jogos, como proposto pelos situacionistas, revela-se como ato de resistência e de apreensão do espaço urbano (Debord, 1958).

A partir de Careri (2013), entende-se que a paisagem é construída pelo caminhar, transformando-se de forma simbólica, onde o indivíduo começa a apreender os



aspectos a sua volta através de seus primeiros passos. Conscientemente, o andar torna-se uma ferramenta de reconhecimento tátil e cognitivo. Ao atravessar o espaço, enfatizam-se as necessidades expressas nesta ação: procurar e encontrar suprimentos que auxiliem na sobrevivência daqueles que se movimentam e movimentam o espaço. Quando as necessidades básicas são cessadas, o caminhar transforma-se em ato simbólico de habitar o mundo: "(...) a caminhada é o modo fundamental como os seres vivos habitam a Terra. Cada ser tem, por conseguinte, que ser imaginado como a linha do seu próprio movimento ou - mais realisticamente - como um feixe de linhas." (Ingold, 2015, p.38).

A ação dos caminhantes se caracteriza como intervenções na paisagem e no território. Caminhando constitui-se a primeira forma de arquitetura, ou seja, na relação entre indivíduo e espaço, se efetuam os aspectos simbólicos e estéticos que modificam uma paisagem, transformando-a a partir das necessidades e desejos expressados pelo andar (Careri, 2013). Assim, o caminhar gera dinâmicas mútuas que agem diretamente no devir provocando transformações nos espaços. Atualmente, a leitura das cidades é constituída num ambiente já construído. Isso faz com que o habitante torne-se um caminhante por entre os trajetos delimitados por um planejamento urbano (Ingold, 2015).

Nesse sentido, o caminhar transforma-se num espaço de encontro, e a ação revela-se como instrumento cognitivo e projetual para intervir em espaços públicos, tornando-os acessíveis e visíveis (Careri, 2013). As caminhadas propostas pelo grupo desfrutavam do ato de semear enquanto comportamento lúdico-criativo para criar vínculos e relações com o território. À medida que a prática do caminhar avançava ao longo do percurso havia pequenas pausas à procura de um pedaço de chão que pudesse abrigar as sementes. A sementeira se deu como "nó" nas linhas narrativas construídas pelo caminhar, e esses "nós" interligam essa experiência ao acompanhamento do processo que envolve semear, cultivar, cuidar e colher.

A proposta de criar jogos acompanha a exploração da técnica e sua utilização para fins lúdicos. Como proposta lúdica, em conjunto com o ato de semear, o Verticalix<sup>1</sup> surge como dispositivo potencializador. O Verticalix é um objeto prático que funciona com um sistema de rolo, composto por dois tubos nas extremidades, nos quais se instala um papel com onze centímetros de largura. O papel é enrolado em um dos tubos, enquanto sua extremidade inicial é fixada no outro, operando de maneira semelhante ao mecanismo de uma câmera fotográfica analógica. Para sustentá-lo, o design incorpora, na parte posterior, um espaço onde se pode estender ou retrain os dedos, permitindo o encaixe da mão como uma "luva", integrando-se à gestualidade do caminhante. Dessa forma, uma das mãos permanece livre para desenhar-escrever ou avançar-rebobinar o rolo, enquanto a outra o sustenta (Figura 1).

Figura 1: Fotografias do verticalix em uso pelos autores.

---

<sup>1</sup> O Verticalix é um dispositivo criado por Carlos Hidalgo Zunino no ano de 2021 para investigar a cidade por meio da caminhada. No livro *T+ Rotos: pedagogia e arquitetura*, está incluído o capítulo *Caminhar pela cidade e a Arquitetura*, no qual são descritas outras experiências de uso do dispositivo junto com estudantes de arquitetura e urbanismo da FAU - UCE na cidade de Quito. <https://tramaediciones publica la reader/t-rotos-pedagogia-y-arquitectura?location=54>



Fonte: Autores (2025).

Mais do que uma ferramenta técnica, o Verticalix configura-se como uma interface entre corpo e território, mediada pela paisagem e pela expressão. Em sua elaboração conceitual, aproxima-se da perspectiva proposta por Giorgio Agamben (2014), segundo a qual o "dispositivo" é aquilo que possui a capacidade de "capturar, orientar e interceptar gestos, relações e discursos dos seres vivos" (Agamben, 2014, p.18). O Verticalix busca atuar, nesse sentido, como mediador do contexto, funcionando como ferramenta de subjetivação do ato de caminhar, seja ele individual ou coletivo.

O Verticalix acompanha o caminhar estabelecendo uma relação sensível entre o ser humano e o meio, o que Augustin Berque (2023) denomina "pensamento paisagem" (*pensée paysagère*). "A paisagem não está num olhar sobre os objetos, ela está na realidade das coisas, isto é, na relação que temos com o nosso meio ambiente." (Berque, 2023, p.62). Nesse sentido, segundo Juliasz e Bassani (2023), a paisagem é compreendida como uma dimensão do território, aquela sensível e significativa. Portanto, é por meio da paisagem que o território se torna sensível. O dispositivo busca contribuir na observação e nas ações sensíveis, como o ato de semear enquanto se caminha, compreendendo as diferentes relações das pessoas com o espaço. Nesta expressão gráfica sensível entre corpo e espaço através do caminhar, o gesto em movimento dá origem a uma narrativa visual, onde tempo e paisagem se entrelaçam. Cada percurso traçado se transforma em registro: fragmentos de atenção, de território e de experiência. A linha desenhada não é apenas uma marca, mas um vestígio da vivência (Ingold, 2022 [2007]).

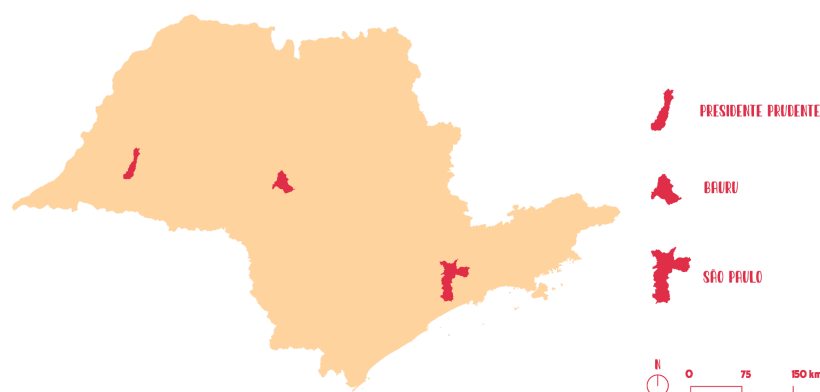
### 3 SEMEADURAS URBANAS: AS EXPERIÊNCIAS CARTOGRÁFICAS NOS TERRITÓRIOS URBANOS

O objetivo é pensar o mapa como espaço em constante construção. Como propõem Deleuze e Guattari (1995 [1980], p. 21): "O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente." Abandonar as representações, as cópias e os decalques, fortalecer a diferença. O mapa aberto abandona as noções comuns da representação fortificadas pelo pensamento arbóreo unificador. A representação "[...] mediatiza tudo, mas não mobiliza nem move nada" (Deleuze, 2018 [1968], p.64), ela se ancora no preestabelecido, reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, é estática. Por sua vez, a diferença surge de uma experiência ancorada no real, desbloqueia processos criadores, gera o mapa aberto: móvel, transmutável, reversível. A cartografia rizomática valoriza a diferença.

Para a cartografia interessa o intra-ser, o *intermezzo*, o meio que não é média ou ponto central, mas o percurso inesperado das linhas- movimentos. Apresenta-se como um método que “desencadeia um processo de desterritorialização no campo da ciência, para inaugurar uma nova forma de produzir o conhecimento, um modo que envolve criação, arte, implicação do autor, artista, pesquisador, cartógrafo” (Mairesse, 2003, p. 259). Portanto, a cartografia é um registro do processo da experiência, a qual capta a realidade por meio das sensações, opondo-se a um modelo a copiar, para ir em direção à criação e ao novo.

Neste trabalho, apresentamos nossas experiências e o processo de caminhar e semear em três cidades distintas, Presidente Prudente, Bauru e São Paulo, conduzidos por quatro pesquisadores diferentes (Figura 2). Foram práticas que, em certos momentos, dialogaram de forma harmônica, e em outros, provocaram rupturas, conflitos e distanciamentos. Cada pesquisador realizou duas caminhadas em seus recortes, a primeira mais direcionada ao ato de semear e de apreender o território, sendo mais exploratória, já a segunda surge como um acompanhamento da primeira, direcionada ao cuidado com o que já havia sido encontrado e semeado, porém ainda aberta a novos encontros e transformações.

Figura 2: Mapa dos municípios de SP.



Fonte: Autores (2025).

Em Presidente Prudente, a caminhada se deu por uma zona periférica, afastada da centralidade municipal, na região oeste da cidade. O percurso ocorreu nas imediações de um parque, onde uma extensa área institucional se prolonga até as margens de uma zona de preservação ambiental junto a um córrego. Nesse território, foram observadas formas de apropriação inventiva do espaço: práticas de cultivo e resistência em uma área que, de certa forma, encontra-se abandonada pelo poder público municipal. Durante a caminhada, identificou-se também um canteiro localizado no meio de uma avenida movimentada, onde moradores decidiram criar um pequeno jardim. Trata-se de um gesto simples, mas carregado de intenção, que demonstra a busca por vínculos mais sensíveis e afetivos com a cidade, desafiando a lógica hegemônica de apropriações meramente funcionais dos espaços urbanos (Figuras 3 e 4).

Figura 3: Primeira caminhada - pesquisador 1.



### PRESIDENTE PRUDENTE (PARQUE VALE VERDE)

No dia 13 de junho de 2025, às 16h, realizei uma caminhada pela região oeste de Presidente Prudente, explorando os arredores do Parque Vale Verde e a confluência de alguns braços do Córrego do Veado.

O trajeto começou na movimentada Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, onde atravessei o Jardim Gabriela, um canteiro central transformado pelos moradores em jardim comunitário, com plantas diversas, balanços, casas para pássaros e outros equipamentos coletivos. Nesse espaço, plantei duas sementes, como gesto simbólico de continuidade desse cuidado partilhado.

Segui por uma rua adjacente e encontrei, em um terreno vazio, uma árvore que sustentava um balanço de pneu. Mais adiante, já em uma área de preservação permanente (APP), observei hortas e novos balanços feitos pelos moradores. Foi nesse trecho que uma criança me abordou dizendo: "Aqui é legal mesmo quando os animais vêm!" Conversamos e, juntos, plantamos a terceira semente. Também a presentei com outras sementes, incentivando a continuidade do gesto.

Ao longo do caminho, continuei espalhando as sementes que ainda levava comigo, reconhecendo e valorizando as formas de apropriação e cuidado cotidiano com o território.



Fonte: Autores (2025).

Figura 4: Segunda caminhada - pesquisador 1.



### PRESIDENTE PRUDENTE (PARQUE VALE VERDE)

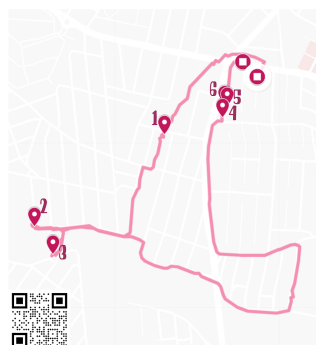
No dia 9 de julho, realizei a segunda caminhada pelos arredores do mesmo território. Dessa vez, decidi percorrer o trajeto em sentido contrário, iniciando o percurso pelo Parque Vale Verde e não mais pela avenida.

Em uma das extremidades do parque, notei que os fundos de algumas casas se voltam diretamente para a área verde, o que permite aos moradores o uso desse espaço para plantios. Em frente a uma dessas casas, plantei uma semente de mamão e, diferente da primeira caminhada, identifiquei a planta com uma pequena placa.

Seguindo pelas margens do córrego, acabei encontrando uma bica d'água, onde dois senhores enchiam galões com aquela água corrente. Próximo dali, plantei mais uma semente.

Retornei então à área de preservação permanente próxima à casa do menino que conheci na primeira caminhada. Observei atentamente o local onde havíamos plantado juntas, buscando sinais de brotação, mas não consegui identificar nenhum indício do crescimento das sementes.

Segui caminhando até chegar a outro parque da região, onde, curiosamente, encontrei uma nova bica d'água. Já na final do percurso, passei novamente pelo Jardim Gabriela, procurando sinais das plantas que havia semeado anteriormente. Como ainda não vi brotos, decidi plantar novas sementes, mantendo a esperança de que desta vez elas germinem.



Fonte: Autores (2025).

Na cidade de Bauru, a caminhada ocorreu ao longo da Rua Sorocabana. Paralelamente a ela, numa cota de nível abaixo, encontra-se parte da estrada de ferro Sorocabana (a primeira linha ferroviária a se estabelecer na região). Devido a ausência de funcionalidade da linha, inúmeras apropriações foram feitas pelos habitantes dessa rua, em sua maioria, o cultivo e semeadura de plantas típicas de jardins foram encontradas e reconhecidas durante o percurso. As resistências observadas nessa rua demonstram um habitar dinâmico em que os afetos são percebidos através do crescimento e cultivo das plantas. Dentre elas foram reconhecidas: Pé-de-Mamona, espada-de-São-Jorge, Primavera, Dracena, Ipê-rosa, Pingo-de-ouro, Sete-copas, entre outras espécies variadas. Mas também, reconhecem-se afetos por meio do cultivo das relações sociais entre vizinhos, colegas e famílias que se dispõem a cuidar da rua (Figuras 5 e 6).

Figura 5: Primeira caminhada - pesquisador 2.



Fonte: Autores (2025).

Figura 6: Segunda caminhada - pesquisador 2.



Fonte: Autores (2025).

Já na cidade de São Paulo, a caminhada ocorreu em dois trechos distintos: uma no Elevado Presidente João Goulart, o Minhocão, o qual corta três bairros distintos: Barra Funda, Santa Cecília e República, e outra no bairro da Água Branca/Pompéia.

Foram realizadas caminhadas exploratórias no entorno do território do Minhocão, que se estende por 3,4 quilômetros, da Praça Roosevelt ao Largo Padre Péricles. Ao percorrer esse recorte espacial, observou-se que o baixio do Minhocão é atravessado por um intenso fluxo de automóveis, além da circulação constante de ciclistas e pedestres. Simultaneamente, o local abriga movimentos e permanências de pessoas em situação de vulnerabilidade social, configurando-se como um território marcado por tensões e disputas. Por um lado, agentes da Prefeitura realizam obras para a implantação de canteiros de jardins de chuva, paradoxalmente em um espaço onde a água da chuva não chega. Por outro, a presença ostensiva de policiais militares contrasta com a grande concentração de pessoas em situação de rua e de usuários de

Neste fragmento urbano, endurecido pelo concreto e pela invisibilidade imposta à população em situação de rua, tornou-se evidente a dificuldade de encontrar porções de terra fértil para o ato da sementeira. Os canteiros das árvores, ressecados e compactados, estavam tomados por lixo e sujeira espalhados pelo entorno. Apesar das adversidades, uma tentativa de semear foi realizada em um pequeno trecho de terra no Largo do Arouche, com o apoio de trabalhadoras locais. Embora posteriormente tenha sido constatado que a plantação não havia germinado, observou-se o crescimento inesperado de outras vegetações no mesmo local, um achado que aponta para a existência de outras iniciativas silenciosas de sementeira pela cidade (Figuras 7 e 8).

[illegible]

Além da primeira caminhada no recorte do entorno do Parque Florestal João Goulart, o Minhocão, no centro da cidade de São Paulo, no dia 12 de junho de 2025, uma quinta-feira às 14 horas. Percentil o total de 4 quilômetros em uma hora. Desci na estação Santa Cecilia e fui andando até o Minhocão, com o sensor térmico de 11°C. Level 2000 material necessário para a caminhada: verticalidade 30 m, Lapsos, casacos, celular para fotografar e registrar o percurso, um pequeno pedal para aplicação de GPS, ferramentas para preparar a terra, um saco plástico para lixo, um copo de água, um protetor solar e um protetor solar. Andei pelo lado da Santa Cecilia, com um olhar atento à procura de árvores frutíferas e de alimentos pelo local. Encontrei muito lixo pelo caminho, mas com restos de alimentos, como casca de laranja e casca de banana, e alguns alimentos, como maçãs e bananas. O local está em obras para construção de jardins de chuva, inicialmente, projetado em um lugar que a água da chuva não chegue.

A primeira eu chego ao centro da terra para semente pessoal e o largo do Minhocão. Estava sem potencial. Estava necessário, pois nunca havia plantado antes e segui observando os movimentos das pessoas, as árvores do parque, quando avistei duas mulheres trabalhando como garças passando pelo largo. Perguntei para elas se elas sabiam como plantar e elas me ajudaram a plantar na terra do parque. Elas relataram que cultivavam de outras plantas por ali, mas que as pessoas logo estagavam. Plantamos laranjas e perguntei se podiam trazer mais sementes, pois elas também faziam parte do trabalho. Elas me deram algumas sementes e eu fui embora.

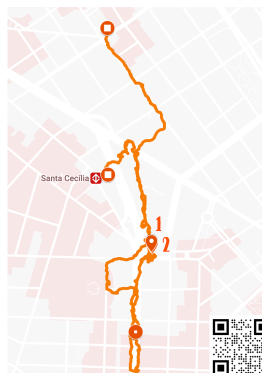
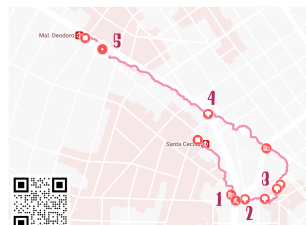


Figura 8: Segunda caminhada - pesquisador 3.



As primeiras caminhadas realizadas no dia 15 de julho, uma terça-feira, por volta das 11 horas da manhã, Caminhel mal deu dois quilômetros e meio em torno de 40 minutos. De novo, na manhã de estúpido, deu novamente na direção de matê da Santa Cecilia e foi andando em direção ao Largo do Arouche para chegar a sementeira realizada na primeira caminhada. No percurso avistei um pequeno animal parecido com um coelho. Trepado de um galho chamou a atenção. Notei na parte de cima da Minhooca, no trecho próximo ao Largo do Arouche, uma vegetação que crescia ali. Chegando na praça notei uma vegetação que me deixou muito intrigada e surpresa, pois era uma outra planta que cresceu no mesmo lugar que semente e coentro e o manjerico. Fiquei por ali observando e reparei que havia algumas comidinhas de formigas. Percebi então que semente novamente no canchê do Largo do Arouche.

Assim, ao agachar na terra e se mexendo nela com as ferramentas que possuía, a estafeta e a colher. Contudo, a terra estava muito dura e seca e as ferramentas não foram suficientes para conseguir cavar um buraco, tendo em algumas partes diferentes dos canteiros, mas sem sucesso. Segui caminhando pelo Largo do Arouche em busca por um pedaço de terra para realizar o plantio. Depois de percorrer o largo, não encontrei nada adequado. Então, fui muito longe, até sítios espalhados pelos canteiros das árvores. Foi andando de volta em direção ao Minhocão e segui pela calçada do balcão do Elevado, em alguns trechos o local estava vazio, mas chegando próximo a Praça Marechal Deodoro encontrei muitas pessoas em situação de rua e usuários de drogas. Em uma das barracas observei a presença de muitas vasas de plantas. No entanto, não havia espaço para o plantio, não possível para a nova sementeira, o que me deixou bastante frustrado.



9

A outra rota de São Paulo ocorreu no Parque da Água Branca, espaço de alto valor paisagístico e patrimonial, que funciona como um ecossistema urbano e abriga historicamente importantes feiras agroecológicas da cidade. Fundado em 1929 como parte do serviço agrônomo do Estado, o parque encontra-se atualmente em debate devido à mercantilização de seu espaço. A partir dali, inicia-se o percurso pelos bairros vizinhos da Pompeia e Perdizes, acompanhado do artista Paulo Borges, que reconhece a cidade observando árvores, folhas, pistilos e sementes, elementos que ele posteriormente documenta e narra em sua página virtual. Caminhamos juntos com o olhar voltado para as plantas e os espaços que elas ocupam entre a cidade e a arquitetura, identificando-as por meio do desenho (Verticalix) e registrando em fotografia.

O bairro percorrido apresenta uma composição arquitetônica diversa. Algumas de suas ruas mesclam pequenas casas antigas, com jardins e recuos laterais, a grandes edifícios residenciais recentes ou ainda em construção. Essas arquiteturas revelam diferentes relações com a rua e com os espaços vegetais que a acompanham. Trata-se de uma área em transformação, influenciada pela especulação imobiliária derivada da futura inauguração de uma nova estação de metrô (figuras 9 e 10).

Figura 9: Primeira caminhada - pesquisador 4.



Fonte: Autores (2025).

Figura 10: Segunda caminhada - pesquisador 4.



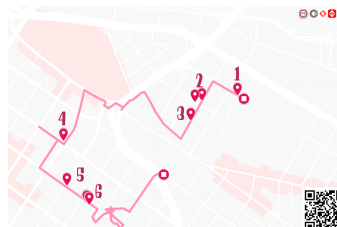
### SÃO PAULO (PARQUE ÁGUA BRANCA - POMPEIA)

Na segunda caminhada, levamos nossas sementes para plantar e também pequenos cartazes onde escrevemos o nome de cada uma delas, deixando o registro visível na cidade. Assim, ficava marcado que ali estavam plantados uma papoia, um coentro, pimentas ou uma flor.

Observamos as qualidades das terras na cidade: vimos que algumas jardineiras tinham terra preta e escolhemos plantar ali; outras estavam mais secas e menos cuidadas, mas também semeamos. Daqui a algumas semanas voltaremos para ver se nossas plantas cresceram ou não.

Vimos uma esquina, assim como alguns jardins da cidade, bem cuidados e cultivados por seus donos — espaços de cuidado que elegiam a cidade. Em outros telhados e outros jardins, plantamos sem muita esperança de crescimento, mas sempre com o nome da semente, esperando que seja uma mensagem para a coletividade: alguém se preocupa com aquele pedaço de terra — cuide dele, regue, volte a olhar, plante também.

Deixei muitos cartazes em vários espaços onde plantei. Conversei com três pessoas que me viram e perguntaram o que eu fazia e por que fazia isso. Foram conversas curtas, mas sempre com aprovação do gesto. Acredito que plantar na rua abre uma possibilidade de conversar com as pessoas, porque carrega algo que todos temos em comum: a vida.



Fonte: Autores (2025)

Assim, foi realizado um mapeamento coletivo desses diferentes espaços, utilizando o dispositivo *Verticalix*<sup>2</sup> como ferramenta de expressão do corpo na cidade. Paralelamente, foi empregado o uso da ferramenta digital *MyMaps*<sup>3</sup> para inserir fotografias e demarcar os pontos de cultivo das sementes, compondo assim uma cartografia afetiva e compartilhada dos percursos realizados.

## 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho percorreu e semeou quatro áreas distintas, distribuídas em três cidades diferentes. Nas cidades de porte médio, Presidente Prudente e Bauru, as áreas escolhidas para as caminhadas localizam-se fora do circuito produtivo formal da cidade. Esses espaços à margem revelam dinâmicas de apropriação em que os moradores cultivam a terra, demonstrando vínculos de cuidado, resistência e pertencimento. Em contraste com a metrópole, na cidade de São Paulo, os trajetos se deram por regiões densamente urbanizadas, marcadas por processos de privatização e especulação imobiliária. Nesses locais, a terra perde espaço para o concreto, tornando-se endurecida ou até mesmo morta diante das dinâmicas de ocupação e destruição.

Em suma, o trabalho aponta que caminhar e semear podem ser compreendidos como atos de confluência, aquilo que, como diz Santos (2023, p. 4), “é a energia que está nos movendo para o compartilhamento. Trata-se de uma força ancestral, que amplia e fortalece as zonas de contato. *Ao caminhar, nos aproximamos dos territórios como estrangeiros; ao semear, vamos nos tornando partilhantes, abrindo espaço para o vínculo, para a convivência. Não caminhamos e semeamos esperando algo em troca, não buscamos retorno, tampouco a garantia de que a semente irá germinar, pois isso já escapa à nossa vontade. O gesto não se fecha na lógica rasa da reciprocidade controlada, mas se abre à incerteza da vida. O que buscamos é criar relações,*

<sup>2</sup> Acesse o vídeo do verticalix aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=TpgK84lbzIM>

<sup>3</sup> Acesse aqui:

<https://www.google.com/maps/d/u/1/viewer?hl=pt-BR&mid=1IA0FnoeHB92AlhypoEnaUVNgiwZxluY&ll=-22.82860662964912%2C-49.042896999999996&z=8>

*entrelaçar vínculos, compartilhar outros modos de ver, de viver e de habitar o mundo. É deixar marcas no caminho e, ao mesmo tempo, ser atravessado por ele.*

As experiências de caminhar, semear e cartografar configuram-se como um “nó” de linhas narrativas e expressivas, propondo uma possibilidade pedagógica fundamentada na ideia de jogo e na criação de situações lúdico-construtivas. Apresentam-se como uma abertura para outros trabalhos, uma dinâmica exploratória voltada a interessados em gerar novas leituras urbanas, capazes de despertar ideias e novas lembranças sobre o mundo. Busca-se, portanto, mais do que apresentar nossas próprias experiências, propõe-se uma vivência que possa ser realizada por outras pessoas, criando uma confluência de experiências compartilhadas. Dessa forma, a pesquisa continua aberta a novas interpretações e não se conclui, tornando-se um campo acadêmico relacional, um pensamento em construção, em debate com um pensamento planetário de habitar a T(t)erra.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

AGAMBEN, Giorgio. **Que es un dispositivo**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2014. P.18.

BERQUE, Augustin. **O Pensamento-paisagem**. Tradução de Vladimir Bartalini e Camila Gomes Sant’Anna. São Paulo: Edusp, 2023.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: G. Gilli, 2013.

CONSTANT, Nieuwenhuys. O grande jogo do porvir. Original de 1959, publicado em Potlatch 30. In: Jacques, Paola Berenstein (org.), **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

DEBORD, Guy. *Teoria da Deriva*. In Revista Internacional Situacionista. No. 2, dezembro de 1958. Acesso em julho de 2025. Online. Disponível em: <<https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/03/guy-debord-teoria-da-deriva.pdf>>

GÖTSCH, Ernst. Vida em sintropia - Life in Syntropy. **Agenda Gotsch**, 2015.

HORTON, R.; LO, S. Planetary health: A new science for exceptional action. **The Lancet**, [S.l.], v. 386, n. 10007, p. 1921–1922, 2015. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(15\)61038-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(15)61038-8). Acesso em: 18 jul. 2025

INGOLD, Tim. **Estar vivo**. Tradução Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. **Linhas: Uma Breve História**. Tradução de Lucas Bernardes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador : EDUFBA, 2012.

JULIASZ, P.; BASSANI, J. A paisagem no ensino da geografia e a leitura totalizante. Em: **Paisagens dos riscos sociais. Educar para diminuir a vulnerabilidade**. [s.l.]



RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança, 2023. p. 111–136.

KIRKSEY, S. Eben; HELMREICH, Stefan; VANDER VELDEN, Felipe F.; CARDOSO, Thiago Mota. A emergência da etnografia multiespécies. **Revista de Antropologia da UFSCar**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 273–307, 2020. DOI: 10.52426/rau.v12i2.359. Acesso em: 20 jul. 2025.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

MAIRESSE, D. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G. (Eds.). **Cartografias e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

TSING, Anna. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177–201, 2015. DOI: 10.5007/2175-8034.2015v17n1p177.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HORTON, R.; LO, S. **Planetary health: A new science for exceptional action**. *The Lancet*, [S.l.], v. 386, n. 10007, p. 1921–1922, 2015. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(15\)61038-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(15)61038-8). Acesso em: 23 jun. 2025